

CORREIO BRAZILIENSE

1º de dezembro de 2023

Tecnologias e democracias

José Pastore

A Revista *The Economist* (13/11/2023) acaba de publicar um grave alerta ao informar que mais de 50% dos povos do mundo terão eleições nacionais em 2024 e, apesar disso, as democracias se fragilizam a cada dia. De fato, os estudos recentes indicam uma redução das democracias plenas e um aumento dos governos autoritários nos últimos 20 anos.¹ A deterioração das democracias ocorre nas mãos de governantes eleitos livremente e não por força de golpes militares.

Vários fatores estão por trás dessa crise – globalização, recessões, imigração e tecnologias. O que as tecnologias têm a ver com as democracias?

As primeiras tecnologias entraram no mundo do trabalho substituindo os seres humanos que faziam atividades manuais, repetitivas e rotineiras. Mas, as tecnologias recentes substituem os seres humanos em atividades intelectuais e que exigiam tomada de decisões. Elas são capazes de pensar e corrigir os próprios erros e até mesmo criar textos inéditos.

Essas tecnologias têm sido responsáveis pelo deslocamento das pessoas na estrutura ocupacional: a maioria desce na escala social. É o que ocorre, por exemplo, com a entrada de sistemas que realizam todas as tarefas de um grande almoxarifado. O gerente dessa área, profissional de classe média, é repentinamente substituído por um dispositivo incrustado nos caixas das grandes lojas que, ao registrar uma venda já faz a compra para a reposição do estoque.

Nesse deslocamento, alguns profissionais conseguem se repaginar e entram em ocupações mais sofisticadas e até sobem na escala social. Mas, a grande maioria, é obrigada a aceitar ocupações de prestígio e renda muito inferiores. Afinal, quem nunca tomou um Uber dirigido por um administrador de empresas?

Isso significa que uma grande massa de trabalhadores de classe média está descendo na estrutura social, passando para classe baixa. Esse processo é frustrante, desanimador, decepcionante. Ninguém gosta de descer na estrutura social e ali ficar sem esperança de subir novamente. É o achatamento da classe média.

As pessoas que perdem prestígio e renda sentem-se injustiçadas e se tornam uma presa fácil de políticos populistas que exploram e acentuam a sua tristeza e conquistam o seu voto.

¹ Ver Daron Acemoglu e James A. Robinson, *Why the nations fail?* New York: Crown Publishers, 2012; Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, *Como as democracias morrem*, São Paulo: Zahar, 2018; Manuel Castells, *Rupture: the crisis of liberal democracy*, Cambridge: Polity Press, 2018; Moisés Naim, *A Vingança do Poder*, São Paulo: Cultrix, 2023; *Defiance in the Face of Autocratization*, V-Dem Institute, Gothemburg, Suécia, 2023

O populismo é um veneno para as democracias. Durante as campanhas eleitorais, os populistas prometem o que não podem entregar. No poder, e com recursos limitados, eles partem para o assistencialismo que, por sua vez, corrói as finanças públicas, gera crises econômicas e pavimentam o caminho para outros populistas.

Esse é o impacto das tecnologias inteligentes na fragilização da classe média e fortalecimento do populismo. No caso do Brasil, uma pesquisa da IPSOS realizada em 2019 mostrou que 75% dos brasileiros se sentiam injustiçados e achavam necessário ter um líder forte para tocar o país. Em 2021, essa proporção subiu para 80%.

Isso explica em grande parte a ascensão de muitos governantes populistas tais como Evo Morales, Cristina Kirchner, Andrés Obrador, Vladimir Putin, Recep Erdogan, Victor Orban, Marine Le Pen, Boris Johnson (Brexit), Donald Trump, Chaves e Maduro, Bolsonaro, Lula e Milei. Nas campanhas, eles destacaram o aumento das desigualdades e exploraram no limite o sentimento de injustiça dos seus eleitores.

José Pastore é professor da Universidade de São Paulo, Presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomercio-SP e membro da Academia Paulista de Letras.